

ALONGAMENTO COMPENSATÓRIO EM YAATHE

Januacele Francisca da Costa
Universidade Federal de Alagoas

1. Introdução

De acordo com Clements e Hume (1995:257), “*a classical problem in phonological theory is that of determining the class of elementary phonological processes which map underlying representations into surface representations*”. Visto desse modo, compreende-se que uma das tarefas básicas da descrição fonológica de uma língua é a descrição e, sempre que possível, a explicitação dos processos fonológicos por que passam os fonemas da língua.

A distinção entre processos fonológicos e morfofonológicos é feita à base de a que tipo de informações a regra considera. Assim, uma regra é fonológica quando diz respeito a informações conduzidas pelos sons. Regras que estão preocupadas com informações conduzidas pelos sons e também com informações relacionadas a morfemas são regras morfofonológicas. Neste trabalho, selecionamos um processo do Yaathe, alongamento compensatório¹, sem nos preocuparmos ainda com definirmos com clareza a sua natureza.

O alongamento compensatório, um fenômeno que vem sendo observado desde há muito tempo nas línguas naturais, define-se como “*un segment tombe (consonne ou voyelle) et l’allongement d’un segment proche compense cette chute*”. (Rialland, 1993:59). Segundo ainda a autora, esse mecanismo tem sido repensado no quadro da fonologia linear e sua natureza continua a ser debatida.

2. Alongamento compensatório em Yaathe

Em Yaathe, o alongamento compensatório parece dar-se por três causas:

¹ Todos os dados, bem como a discussão aqui apresentada, são de Costa (1999).

1. o preenchimento de uma posição deixada livre na coda por uma consoante que cai, desde que a natureza desse segmento não permite sua adjunção a uma coda silábica.

- (1) /e+feeto+ne+ho/ → [efeetõ:ho] “que trabalha”
 /fehe-ke/ → [fe:ke] “no pé”

2. o preenchimento de uma posição deixada vazia, simplesmente, por uma consoante que cai.

- (2) /fowa-ke/ → [fo:ke] “na pedra”

3. o alongamento de vogal da sílaba precedente por queda de vogal e fusão de traços.

- (3) /keha-ka/ → [kɛ:ka] “comer”

Todos esses tipos de alongamento, pode-se ver, fazem-se sempre por alongamento da vogal da sílaba precedente. Entretanto, o modo como o mecanismo opera é diferente em cada caso. Vamos, por isso, descrevê-los e classificá-los separadamente.

2. 1. Alongamento compensatório com queda de /n/ e estabilidade de [N]

No tipo de alongamento compensatório por queda de /n/, com estabilidade do traço nasal, a vogal de uma sílaba CV, em que C é [+nasal, +coronal] e V é [coronal, -alto -baixo], é elidida por um processo fonológico que apaga ou reduz vogais átonas sob certas condições. Dito de outro modo, perdem-se os traços de cavidade oral da consoante, ficando para trás apenas o traço [+nasal]:

– o segmento [+nasal, +coronal] cai, depois de nasalizar a vogal da sílaba precedente, porque a língua não permite essa consoante, por sua natureza, em coda silábica;

– a vogal da sílaba precedente alonga-se por incorporar a unidade de tempo da nasal elidida.

– os traços de abertura e lugar da vogal que alonga não são, quase, considerados. Assim:

- (4) /e walaka-ne-ka/ → [e walakã:k^la] “zombar”
 /tʃ^hlutʃ^hlu-ne-ka/ → [tʃ^hlutʃ^hlũ:k^la] “criar obstáculos”
 /tilifⁱ-ne-ka/ → [til^ofⁱ:k^la] “estar bonito”

Podemos dizer que a regra de nasalização aplica-se antes da queda da nasal porque ela é operante mesmo se as demais regras não são aplicadas, como, por exemplo, em /walaka-ne/, que passa a [walakâne]. Por outro lado, a queda da vogal precede o apagamento da nasal, pois, se a vogal não é elidida, o alongamento compensatório com estabilidade de traço não se efetua.

- (5) /i#tne+ka/ → [it^o.ne.ka]
 /ta#fumaja#ne+ka/ → [ta fu.ma.ja.ne.ka]

2.2. Alongamento compensatório com queda de aproximante

As três aproximantes do Yaathe – /w/, /y/ e /h/ – entram na formação de alongamentos compensatórios.

2.2.1. Aproximante glotal /h/

A aproximante /h/, em uma sílaba do tipo CV, em que C é /h/ e V, qualquer vogal, pode cair com ou sem alongamento compensatório. O alongamento compensatório ocorre quando:

– a vogal deixada sozinha, devido à queda da aproximante, é idêntica à vogal da sílaba precedente:

- (6) /fehe+ke/ → [fe:ke] “no pé”
 /kohote/ → [ko:te] “com a mão”
 /naha+ka/ → [na:ka] “ver”

– a vogal deixada sozinha é [dorsal, +baixo, -alto] ou [coronal, -baixo, -alto] e a vogal da sílaba precedente tem a especificação contrária. Neste caso, dá-se o alongamento com fusão de traços das vogais (ver seção 4.7):

- (7) /keha+ka/ → [ke:ka] “comer”

Há dois modos pelos quais um processo de fusão de vogais pode efetuar-se na língua:

a) duas vogais ficam juntas internamente a um morfema, quando a aproximante glotal /h/ é elidida: ocorre, então, um alongamento compensatório com fusão de traços, se as vogais envolvidas são /e/ e /a/, independente da ordem em que elas se encontram.

(8) /keha+ka/ → [kɛ:ka] “comer”

b) duas vogais com os mesmos traços das mencionadas acima encontram-se em fronteira de palavra. Os traços [coronal] e [+baixo] fundem-se, gerando um segmento [+longo], que passa a ser [coronal, +baixo].

(9) /t^ha e t^hua+ka/ → [t^hɛ:t^huaka] “eles gostam”²

(10) /t^ha e we+ka/ → [t^hɛ:wk^ha] “eles o matam”

Parece que interpretação de Broselow (1995) é boa para explicar a fusão³. Uma posição esquelética ou uma unidade de tempo torna-se vazia quando um segmento é apagado no curso da derivação. No nosso caso, parece que são duas posições que se tornam vazias e a explicação pode também ser diferente.

Na derivação, de (8) primeiro temos o apagamento de /h/, que deixa uma posição esquelética vazia; depois, a fusão que, como podemos deduzir a partir de (9) e (10), também deixa uma posição esquelética vazia. O quadro abaixo busca dar uma melhor visualização da derivação no processo de alongamento com fusão.

Quadro 1

Forma subjacente	1.[keha -ka]	2.[t ^h a e t ^h ua -ka]
Apagamento de /h/	aplica ↓	não aplica ↓
Forma derivada	keaka	t ^h aet ^h uaka
Fusão de traços	aplica ↓	aplica ↓
Forma derivada	kɛka	t ^h ɛt ^h uaka
Alongamento compensatório	aplica ↓	aplica ↓
Forma de superfície	kɛ:ka	t ^h ɛ:t ^h uaka

² Lit. Eles gostam de algo ou de alguém.

³ Fusão é um dos processos assumidos por Clements e Hume (1995:265) como fazendo parte de um pequeno conjunto de tipos de regras elementares que efetuam operações simples sobre representações de traços. Para os autores, fusão é um tipo de regra que daria conta de vários tipos de processos de aglutinação de traços.

As seguintes observações podem ser feitas:

1. Não está claro: a) que regra se aplica primeiro, em 1., fusão ou alongamento compensatório, já que se dá o apagamento de /h/: b) se a vogal longa em 1. é mais longa que a vogal longa em 2., uma vez que, nesse caso, são duas as posições deixadas vazias.

2. Parece que se trata de uma regra lexical, pois se aplica na derivação mas apenas com um morfema específico: /-ka/, modo indicativo.

2.2.2. Aproximantes /w/ e /j/

As aproximantes /w/ e /j/ comportam-se do mesmo modo no mecanismo de alongamento compensatório.

– uma vogal átona é elidida e uma consoante aproximante deve, devido a restrições impostas pelo padrão silábico da língua, acreditamos, ser adjunta à coda da sílaba precedente.

– esta consoante, sendo /w/ ou /j/, elide-se e a vogal precedente alonga-se:

(11) /fowa+ke/	→	[fɔ:ke]	“na pedra”
/feja+ke/	→	[fe:ke]	“na terra”

Essa regra, porém, diferente das duas outras regras vistas acima, é opcional, no que diz respeito a /j/. Dado que esse é um som permitido em coda silábica, a manifestação de superfície varia entre:

- alongamento compensatório
- manutenção da aproximante na coda silábica
- apagamento da aproximante e manutenção da vogal

Desse modo, /feja#ke/ pode ter as seguintes representações fonéticas:

(12) [fe: ke]
[fej ke]
[fea ke]

Embora de modo menos produtivo, a mesma variação pode ocorrer com /w/:

(13) /towe#ke/ “no fogo”

pode ter as seguintes representações fonéticas:

(14) [to:ke]

[toeke]

[towke]

A restrição que se apresenta para a aplicação dessa regra diz respeito aos traços das vogais e da aproximante envolvidas: elas devem ser homorgânicas. Por isso, diferente do apagamento de /h/, em que a consoante cai e as duas vogais deixadas juntas, sejam quais forem, provocam o alongamento, tanto por crase como por fusão, a aproximante é que se funde com a vogal precedente, com ou sem a queda da vogal seguinte.

Dada a opcionalidade da regra, torna-se difícil determinar a ordem em que as regras se aplicam, a menos que se faça um estudo variacionista e se determine a regra específica a cada dialeto.

3. Considerações finais

Uma série de questões podem ser levantadas sobre o alongamento compensatório em Yaathe, sobretudo quanto ao ordenamento das regras. Aqui, algumas dessas questões são levantadas, para as quais apresentamos algumas possíveis respostas:

1. por que a queda de uma vogal precede a queda da consoante nasal? Onde a vogal não é elidida, não há queda da nasal e, conseqüentemente, não há alongamento compensatório:

(15) /duma+ne+ho/ → [d[^]mãneho] “que é lindo”

/tilifi+ne+ka/ → [til³fi:k^la] “estar bonito”

No primeiro exemplo, a vogal não é elidida, mas no segundo há elisão da vogal.

2. por que a regra de nasalização precede a queda da nasal? Mesmo sem apagar a nasal, a vogal precedente é nasalizada:

(16) /dumaneho/ → [d[^]mãneho]

A regra de apagamento das aproximantes labial e coronal é variável, desde que pode haver: 1) manutenção da aproximante após a

elisão da vogal; 2) debucalização e a consoante aproximante passa a oclusiva glotal; 3) apagamento total e a consoante passa a zero.

(17) /e t ^h aji+ho/	→	[e t ^h ajo]	“que carrega”
/towe/	→	[toe]	“fogo”
/feja/	→	[fea]	“terra”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROSELOW, E. Skeletal positions and moras. In: J. Goldsmith (ed.). *The handbook of phonological theory*. Cambridge/Massachusetts: Blackwell Publishers, 1995, p. 175-205.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. In: J. Goldsmith (ed.). *The handbook of phonological theory*. Cambridge/Massachusetts: Blackwell Publishers, 1995, p. 245-306.

COSTA, J. F. da. *Ya:thê, a última língua nativa no nordeste do Brasil. Aspectos morfofonológicos e morfo-sintáticos*. Tese de doutorado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística, 1999.

RIALLAND, A. L'allongement compensatoire: nature et modèles. In: B. Laks e A. Rialland (org.). *Architecture des représentations phonologiques*. Paris: CNRS, 1993.

RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.